

## 1. UNIFESP 2006

### VIDE VERSO MEU ENDEREÇO

Falado:

Seu Gervásio, se o doutor José Aparecido  
aparecer por aqui, o senhor dá esse bilhete a  
ele, viu? Pode ler, não tem segredo nenhum.

Pode ler, seu Gervásio.

Venho por meio dessas mal traçadas linhas  
Comunicar-lhe que fiz um samba pra você  
No qual quero expressar toda minha gratidão  
E agradecer de coração tudo o que você me fez.

Com o dinheiro que um dia você me deu  
Comprei uma cadeira lá na Praça da Bandeira  
Ali vou me defendendo

Pegando firme, dá pra tirá mais de mil por mês.

Casei, comprei uma casinha lá no Ermelindo  
Tenho três filhos lindos, dois são meus, um é de criação.

Eu tinha mais coisas pra lhe contar

Mas vou deixar pra uma outra ocasião.

Não repare a letra, a letra é de minha mulher.

Vide verso meu endereço, apareça quando quiser.

(Adoniran Barbosa, CD Adoniran Barbosa-1975, remasterizado EMI, 1994.)

Em "Casei, comprei uma casinha lá no Ermelindo", o diminutivo no substantivo expressa, além de tamanho e carinho, o sentido de

- a. penúria.
- b. humilhação.
- c. simplicidade.
- d. pobreza.
- e. ironia.

## 2. UFSM 2001

### BRASIL, MOSTRA A TUA CARA

*A busca de uma identidade nacional é preocupação deste século*

*João Gabriel de Lima*

1 Ao criar um livro, um quadro ou uma canção, o artista <sup>11</sup>brasileiro dos dias atuais tem uma preocupação a menos: parecer brasileiro. A noção de cultura nacional é algo tão incorporado ao cotidiano do país que deixou de ser um peso para os <sup>12</sup>criadores. Agora, em vez de servir à pátria, eles podem servir ao próprio talento. <sup>6</sup>Essa é uma <sup>7</sup>conquista deste século. Tem como marco a Semana de Arte Moderna de 1922, <sup>1</sup>uma espécie de 8grito de independência artística do país, cem anos depois da <sup>2</sup>independência política. Até esta data, o <sup>13</sup>brasileiro era, antes de tudo, um <sup>14</sup>envergonhado. Achava que pertencia a uma raça inferior e que a única solução era imitar os modelos culturais importados. Para acabar com esse complexo, foi preciso que um grupo de artistas de diversas áreas se reunisse no Teatro Municipal de São Paulo e bradasse que ser brasileiro era bom. O escritor Mário de Andrade lançou o projeto de uma língua nacional. Seu colega Oswald de Andrade propôs o conceito de "antropofagia", segundo o qual a cultura brasileira criaria um caráter próprio depois de digerir as influências externas.

2 A semana de 22 foi só um marco, mas pode-se dizer que ela realmente criou uma agenda cultural para o país. Foi tentando inventar uma língua brasileira que Graciliano Ramos e Guimarães Rosa escreveram suas obras, <sup>3</sup>as mais significativas do <sup>9</sup>século, no país, no campo da prosa. Foi recorrendo ao bordão da antropofagia que vários artistas jovens, nos anos 60, inventaram a cultura pop

brasileira, no movimento conhecido como tropicalismo. No plano das ideias, o século gerou três obras que se tornariam clássicos da reflexão sobre o país. "Os Sertões", do carioca Euclides da Cunha, escrito em 1902, é ainda influenciado por teorias racistas do século passado, que achavam que a mistura entre negros, <sup>15</sup>brancos e índios provocaria <sup>4</sup>um "enfraquecimento" da raça brasileira. Mesmo assim, é <sup>5</sup>um livro essencial, porque o repórter Euclides, que trabalhava no jornal "O Estado de S. Paulo", foi a campo cobrir a guerra de Canudos e viu na frente de <sup>18</sup>combate muitas coisas que punham em questão as teorias formuladas em gabinete. "Casa-Grande & Senzala", do pernambucano Gilberto Freyre, apresentava pela primeira vez a miscigenação como algo positivo e buscava nos primórdios da colonização portuguesa do país as origens da sociedade que se formou aqui. Por último, o paulista Sérgio Buarque de Holanda, em "Raízes do Brasil", partia de premissas parecidas mas propunha uma visão crítica, que influenciaria toda a sociologia produzida a partir de então.

VEJA, 22 de dezembro, 1999. p. 281-282.

No texto, observa-se a ocorrência de alguns substantivos derivados de verbos - os deverbais. Esses substantivos denotam AÇÃO e apresentam as terminações -a, -e, -o. O único substantivo que NÃO faz parte desse grupo é

- a. busca (subtítulo).
- b. conquista (ref. 7).
- c. grito (ref. 8).
- d. século (ref. 9).
- e. combate (ref. 18).

### 3. UFRGS 1998

1 A deterioração dos centros urbanos tomou conta dos noticiários. A cidade é a demência. A cidade é a selva. Mas a televisão sempre oferece compensações e, para aliviar o "show" do caos urbano, ela exhibe o idílio da vida campestre. É assim que, na ficção e na publicidade, reina o <sup>1</sup>videobucolismo, esse gênero de fantasia em que a grama não tem formiga, as cobras não têm veneno e as mulheres não têm vergonha. Chinelos, cigarros, margarinas e cartões de crédito buscam os cenários de praias vazias, fazendas inocentes e montanhas íngremes para aumentar sua promessa de gozo. E há também caminhonetes enormes, as tais "off-road", que se anunciam rodando sobre escarpas, pântanos e rochas cortantes. A felicidade mora longe do asfalto.

2 Mas é curioso: essa mesma fabricação imaginária que santifica a natureza contribui para agravar ainda mais a selvageria nas cidades. Basta observar. Transeuntes se trajam como quem vai enfrentar o mato, os bichos, o desconhecido. Relógios de mergulhadores são ostentados por garotos que mal sabem ver as horas; botas de vaqueiro, próprias para pisar currais, frequentam cerimônias de casamento; fardas militares de guerrilheiros amazônicos passeiam pelos shoppings. No trânsito, jipes brucutus viraram a última moda. Com pneus gigantes e agressivos do lado de fora, e estofamento de couro do lado de dentro, são uma versão sobre quatro rodas dos condomínios fechados. Em breve, começarão a circular com para-choques de arame farpado.

3 A distância entre um motorista de vidros lacrados e o mendigo que pede esmola no sinal vermelho é maior do que a distância entre aquele e as trilhas agrestes das novelas e dos comerciais. Nas ruas esburacadas das metrópoles, ele talvez se sinta escalando falésias. No coração desses dois homens, que se olham sem ver através dessa estranha televisão que é o vidro de um carro, a cidade embrutecida é a pior de todas as selvas.

(Fonte: BUCCI, Eugênio. CIDADES DEMENTES. VEJA, 2 de julho, 1997, p.17.)

Relacionam-se, pela origem, a verbos existentes na Língua Portuguesa, todos os substantivos a seguir, à exceção de

- a. deterioração.
- b. compensações.
- c. mergulhadores.
- d. estofamento.
- e. metrópoles.

#### 4. UNESP 2014

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) aborda(m) um fragmento de um artigo de Mônica Fantin sobre o uso dos tablets no ensino, postado na seção de blogs do jornal *Gazeta do Povo* em 16.05.2013:

##### **Tablets nas escolas**

Ou seja, não é suficiente entregar equipamentos tecnológicos cada vez mais modernos sem uma perspectiva de formação de qualidade e significativa, e sem avaliar os programas anteriores. O risco é de cometer os mesmos equívocos e não potencializar as boas práticas, pois muda a tecnologia, mas as práticas continuam quase as mesmas.

Com isso, podemos nos perguntar pelos desafios da didática diante da cultura digital: o tablet na sala de aula modifica a prática dos professores e o cotidiano escolar? Em que medida ele modifica as condições de aprendizagem dos estudantes? Evidentemente isso pode se desdobrar em inúmeras outras questões sobre a convergência de tecnologias e linguagens, sobre o acesso as redes na sala de aula e sobre a necessidade de mediações na perspectiva dos novos letramentos e alfabetismos nas múltiplas linguagens.

Outra questão que é preciso pensar diz respeito aos conteúdos digitais. Os conteúdos que estão sendo produzidos para os tablets realmente oferecem a potencialidade do meio e sua arquitetura multimídia ou apenas estão servindo como leitores de textos com os mesmos conteúdos dos livros didáticos? Quem está produzindo tais conteúdos digitais? De que forma são escolhidos e compartilhados?

Ou seja, pensar na potencialidade que o tablet oferece na escola - acessar e produzir imagens, vídeos, textos na diversidade de formas e conteúdos digitais - implica em repensar a didática e as possibilidades de experiências e práticas educativas, midiáticas e culturais na escola ao lado de questões econômicas e sociais mais amplas. E isso necessariamente envolve a reflexão crítica sobre os saberes e fazeres que estamos produzindo e compartilhando na cultura digital.

(Tablets nas escolas. [www.gazetadopovo.com.br](http://www.gazetadopovo.com.br). Adaptado.)

No último período do texto, os termos saberes e fazeres são

- a. adjetivos
- b. pronomes
- c. substantivos
- d. advérbios
- e. verbos

#### 5. UNESP 2012

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

##### **Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão**

A morte chegou pelo interurbano em longas espirais metálicas.  
Era de madrugada. Ouvi a voz de minha mãe, viúva.  
De repente não tinha pai.  
No escuro de minha casa em Los Angeles procurei recompor  
[tua lembrança  
Depois de tanta ausência. Fragmentos da infância  
Boiaram do mar de minhas lágrimas. Vi-me eu menino  
Correndo ao teu encontro. Na ilha noturna  
Tinham-se apenas acendido os lampiões a gás, e a clarineta

De Augusto geralmente procrastinava a tarde.  
Era belo esperar-te, cidadão. O bondinho  
Rangia nos trilhos a muitas praias de distância...  
Dizíamos: "Ê-vem meu pai!". Quando a curva  
Se acendia de luzes semoventes\*, ah, corríamos  
Corríamos ao teu encontro. A grande coisa era chegar antes  
Mas ser marraio\*\* em teus braços, sentir por último  
Os doces espinhos da tua barba.  
Trazias de então uma expressão indizível de fidelidade e  
[paciência  
Teu rosto tinha os sulcos fundamentais da doçura  
De quem se deixou ser. Teus ombros possantes  
Se curvavam como ao peso da enorme poesia  
Que não realizaste. O barbante cortava teus dedos  
Pesados de mil embrulhos: carne, pão, utensílios  
Para o cotidiano (e frequentemente o binóculo  
Que vivias comprando e com que te deixavas horas inteiras  
Mirando o mar). Dize-me, meu pai  
Que viste tantos anos através do teu óculo de alcance  
Que nunca revelaste a ninguém?  
Vencias o percurso entre a amendoeira e a casa como o atleta  
[exausto no último lance da maratona.  
Te grimpávamos. Eras penca de filho. Jamais  
Uma palavra dura, um rosnar paterno. Entravas a casa  
humilde  
A um gesto do mar. A noite se fechava  
Sobre o grupo familiar como uma grande porta espessa.  
Muitas vezes te vi desejar. Desejavas. Deixavas-te olhando  
[o mar  
Com mirada de argonauta. Teus pequenos olhos feios  
Buscavam ilhas, outras ilhas... - as imaculadas, inacessíveis  
Ilhas do Tesouro. Querias. Querias um dia aportar  
E trazer - depositar aos pés da amada as joias fulgurantes  
Do teu amor. Sim, foste descobridor, e entre eles  
Dos mais provecos\*\*\*. Muitas vezes te vi, comandante  
Comandar, batido de ventos, perdido na fosforência  
De vastos e noturnos oceanos  
Sem jamais.  
Deste-nos pobreza e amor. A mim me deste  
A suprema pobreza: o dom da poesia, e a capacidade de amar  
Em silêncio. Foste um pobre. Mendigavas nosso amor  
Em silêncio. Foste um no lado esquerdo. Mas  
Teu amor inventou. Financiaste uma lancha  
Movida a água: foi reta para o fundo. Partiste um dia  
Para um brasil além, garimpeiro sem medo e sem mácula.  
Doze luas voltaste. Tua primogénita - diz-se -  
Não te reconheceu. Trazias grandes barbas e pequenas  
[águas-marinhas.

(Vinicius de Moraes. Antologia poética. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1974, p. 180-181.)

(\*) Semovente: "Que ou o que anda ou se move por si próprio."

(\*\*) Marraio: "No gude e noutros jogos, palavra que dá, a quem primeiro a grita, o direito de ser o último a jogar."

(\*\*\*) Provecos: "Que conhece muito um assunto ou uma ciência, experiente, versado, mestre".

(Dicionário Eletrônico Houaiss)

*Partiste um dia / Para um brasil além, garimpeiro sem medo e sem mácula.* O emprego da palavra brasil com inicial minúscula, no poema de Vinicius, tem a seguinte justificativa:

- a. O eu-poemático se serve da inicial minúscula para menosprezar o país.
- b. Empregar um nome próprio com inicial minúscula era comum entre os modernistas.
- c. O eu-poemático emprega "brasil" como metáfora de "paraíso", onde crê estar a alma de seu pai
- d. O emprego da inicial maiúscula em nomes de países é facultativo.
- e. Na aceção em que é empregada no texto, a palavra "brasil" é um substantivo comum.

## 6. UNIFESP 2009

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### A CIÊNCIA DO PALAVRÃO

Por que diabos m... é palavrão? Aliás, por que a palavra diabos, indizível décadas atrás, deixou de ser um? Outra: você já deve ter tropeçado numa pedra e, para revidar, xingou-a de algo como filha da..., mesmo sabendo que a dita nem mãe tem.

Pois é: há mais mistérios no universo dos palavrões do que o senso comum imagina. Mas a ciência ajuda a desvendá-los. Pesquisas recentes mostram que as palavras sujas nascem em um mundo à parte dentro do cérebro. Enquanto a linguagem comum e o pensamento consciente ficam a cargo da parte mais sofisticada da massa cinzenta, o neocórtex, os palavrões moram nos porões da cabeça. Mais exatamente no sistema límbico. Nossa parte animal fica lá.

E sai de vez em quando, na forma de palavrões. A medicina ajuda a entender isso. Veja o caso da síndrome de Tourette. Essa doença acomete pessoas que sofreram danos no gânglio basal, a parte do cérebro cuja função é manter o sistema límbico comportado. E os palavrões saem como se fossem tiques nervosos na forma de palavras.

Mas você não precisa ter lesão nenhuma para se descontrolar de vez em quando, claro. Justamente por não pensar, quando essa parte animal do cérebro fala, ela consegue traduzir certas emoções com uma intensidade inigualável.

Os palavrões, por esse ponto de vista, são poesia no sentido mais profundo da palavra. Duvida? Então pense em uma palavra forte. Paixão, por exemplo. Ela tem substância, sim, mas está longe de transmitir toda a carga emocional da paixão propriamente dita. Mas com um grande e gordo p.q.p. a história é outra. Ele vai direto ao ponto, transmite a emoção do sistema límbico de quem fala diretamente para o de quem ouve. Por isso mesmo, alguns pesquisadores consideram o palavrão até mais sofisticado que a linguagem comum.

([www.super.abril.com.br/revista/](http://www.super.abril.com.br/revista/). Adaptado.)

No texto, o substantivo "palavrão", ainda que se mostre flexionado em grau, não reporta a ideia de tamanho. Tal emprego também se verifica em:

- a. Durante a pesquisa, foi colocada uma "gotícula" do ácido para se definir a reação.
- b. Na casa dos sete anões, Branca de Neve encontrou sete minúsculas "caminhas".
- c. Para cortar gastos, resolveu confeccionar "livrinhos" que cabem nos bolsos.
- d. Não estava satisfeita com aquele "empreguinho" sem graça e sem perspectivas.
- e. Teve um "carrinho" de dois lugares, depois um carro de cinco e, hoje, um de sete.

## 7. UFSM 2007

"Os mensaleiros, os sanguessugas, os corruptos de todas as grandezas continuam aí, expondo suas 'caras-de-pau' envernizadas, afrontando os que pensam e agem honestamente. Tudo isso, entretanto, não é motivo para anular o voto ou votar em branco"

(Sergio Blattes, "Diário de santa Maria", 03 de agosto de 2006)

Assinale a frase em que os substantivos compostos também estão flexionados corretamente.

- a. As autoridades desconsideraram os abaxos-assinados dos cirurgiões- dentistas.
- b. Os vice-diretores foram chamados pelos alto-falantes.
- c. Trouxe-lhe um ramalhete com sempre-vivas e amor-perfeitos.
- d. Alguns populares ouviram os bate-bocas entre os guardas-costas do Presidente.
- e. Alguns boias-frias comiam pés-de-moleques.

## 8. UFV 2000

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Aqui carnavalizada é a gramática, na conhecida obra de Mendes Fradique, *Grammatica Portugueza pelo Methodo Confuso*, vindo a lume em 1927 e de onde transcrevemos fragmentos do texto, tendo o cuidado de atualizar a grafia.

"O substantivo varia segundo o grau, dando uma ideia de aumento no AUMENTATIVO; de diminuição no DIMINUTIVO [...]. AUMENTATIVO se forma com a terminação inho [...]; DIMINUTIVO se forma com a terminação ão". A exemplificação que completa a doutrina carnavalizada do autor foi quebrada por um exemplo, que é nosso, em:

- a. aumentativo: moinho - mó grande.
- b. diminutivo: pedrinha - pedra pequena.
- c. diminutivo: cartão - carta pequena.
- d. diminutivo: limão - lima pequena (e azeda).
- e. aumentativo: fossinho - fossa grande (nasal).

## 9. FGV 2009

### Texto 1

*Voltou dali a duas semanas, aceitou casa e comida sem outro estipêndio, salvo o que quisessem dar por festas. Quando meu pai foi eleito deputado e veio para o Rio de Janeiro com a família, ele veio também, e teve o seu quarto ao fundo da chácara. Um dia, reinando outra vez febres em Itaguaí, disse- lhe meu pai que fosse ver a nossa 1 escravatura. 9 José Dias deixou-se estar calado, suspirou e acabou confessando que não era médico. 10 Tomara este título para ajudar a propaganda da nova escola, e não o fez sem estudar muito e muito; mas a consciência não lhe permitia aceitar mais doentes.*

- Mas, você curou das outras vezes.

- Creio que sim; o mais acertado, porém, é dizer que foram os remédios indicados nos livros. Eles, sim, eles, abaixo de Deus. Eu era um charlatão... Não negue; os motivos do meu procedimento podiam ser e eram dignos; a homeopatia é a verdade, e, para servir à verdade, menti; mas é tempo de restabelecer tudo.

*Não foi despedido, como pedia então; meu pai já não podia dispensá-lo. Tinha o dom de se fazer aceito e necessário; dava-se por falta dele, como de pessoa da família.*

*Quando meu pai morreu, a dor que o pungiu foi enorme, disseram-me; 2 não me lembra. Minha mãe 3 ficou-lhe muito grata, e não consentiu que ele deixasse o quarto da chácara; ao sétimo dia, depois da missa, ele foi despedir-se dela.*

- Fique, José Dias.

- Obedeço, minha senhora.

Teve um pequeno legado no testamento, uma apólice e quatro palavras de louvor.

Copiou as palavras, encaixilhou-as e pendurou-as no quarto, por cima da cama.

8 "Esta é a melhor apólice", dizia ele muita vez. Com o tempo, adquiriu certa autoridade na família, 4 certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo. Ao cabo, era amigo, não direi ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo. 12 E não lhe suponhas alma subalterna; as cortesias que 5 fizesse vinham antes do cálculo que da índole. A roupa durava-lhe muito; ao contrário das pessoas que enxovalham depressa o vestido novo, ele trazia o velho escovado e liso, cerzido, abotoado, de uma elegância pobre e modesta. 6 Era lido, posto que de atropelo, o bastante para divertir ao serão e à sobremesa, ou explicar algum fenômeno, falar dos efeitos do calor e do frio, dos polos e de Robespierre. Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que 7 a não sermos nós, já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, 11 mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus, era tudo.

- Abaixo ou acima? Perguntou-lhe tio Cosme um dia.

- Abaixo, repetiu José Dias cheio de veneração. E minha mãe, que era religiosa, gostou de ver que ele punha Deus no devido lugar, e sorriu aprovando. José Dias agradeceu de cabeça. Minha mãe dava-lhe de quando em quando alguns cobres. Tio Cosme, que era advogado, confiava-lhe a cópia de papéis de autos.

Machado de Assis. Dom Casmurro. Em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/content/view/full/1429>.

Acesso em 08/09/08

Na referência 1 do excerto, escravatura é exemplo de recurso de estilo em que:

- a. A palavra expressa oposição.
- b. A concordância é feita com a ideia de que a palavra expressa e não com a sua forma gramatical.
- c. Se toma o substantivo abstrato pelo concreto.
- d. Se muda a construção sintática no meio do enunciado.
- e. Se utiliza do exagero para evidenciar uma ideia.

## 10. UFSM 2002

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

MARCELO BERABA

Desejo de matar

1 RIO DE JANEIRO - A TV Globo estreou mais uma série importada que enaltece os <sup>3</sup>grupos de <sup>14</sup>extermínio. Esta agora chama-se "Angel" e conta a história de um vampiro bom que sai pela cidade eliminando vampiros maus. Para isso, o herói vampiro conta com a ajuda de três pessoas, uma delas <sup>7</sup>delegada de polícia.

2 Parece que esta série é apenas um <sup>9</sup>tapa-buraco na programação da emissora, que nem fez muito alarde com o filme. Mas não é a primeira vez que a TV explora o tema. Teve uma, "Justiça Cega", em que um juiz, inconformado com as amarras da lei, fazia justiça com as próprias mãos.

3 O justiceiro passava o dia de toga examinando processos e à noite montava numa moto e saía matando os <sup>8</sup>bandidos que tinha sido obrigado a inocentar por falta de provas.

4 A mensagem desses filmes é sempre a mesma. Não é <sup>13</sup>possível combater o <sup>1</sup>crime com os instrumentos que a sociedade coloca à disposição da <sup>2</sup>Justiça e das polícias. É preciso montar polícias e <sup>11</sup>justiças paralelas, que usem as mesmas armas e recursos imorais dos criminosos.

5 "Angel" e seus vampiros permitem várias interpretações. Uma delas é simples: o combate ao crime já não é tarefa para homens comuns. Os criminosos estão cada vez mais sofisticados. São seres mutantes. <sup>5</sup>Juízes e policiais comuns, por mais bem preparados

que estejam, não dão conta do recado.

6 A série é <sup>10</sup>lixo e não tem a menor importância. O problema é na vida real, quando as empresas acham normal buscar formas de convivência com o <sup>4</sup>narcotráfico. Quando o Estado acha normal que o <sup>6</sup>crime organizado monte banquinhas de apostas no meio das calçadas. E quando o <sup>12</sup>sistema penitenciário ajuda a organização dos presos para evitar rebeliões.

7 Pensando bem, não <sup>15</sup>há por que se espantar com "Angel" e similares se as deformações que procuram legitimar fazem parte do nosso cotidiano.

(Folha de São Paulo, 9 de março de 2001 .)

Analise os segmentos a seguir, observando as palavras identificadas através de números.

- "[...] eliminando ...VAMPIROS (1)... maus"
- "[...] o herói ...VAMPIRO (2)... conta com a ...AJUDA (3)... de três pessoas"
- "[...] o sistema penitenciário ...AJUDA (4)... a organização dos presos"
- "[...] usem as mesmas armas e recursos imorais dos ...CRIMINOSOS (5)..."
- "[...] Os ...CRIMINOSOS (6)... estão cada vez mais sofisticados"

É correto afirmar que

- a. 1 e 2 pertencem à mesma classe.
- b. 3 e 4 são verbos.
- c. 5 e 6 pertencem à mesma classe.
- d. 1 qualifica um substantivo.
- e. 6 é um adjetivo.

## 11. UNIFESP 2014

*Casimiro de Abreu pertence à geração dos poetas que morreram prematuramente, na casa dos vinte anos, como Álvares de Azevedo e outros, acometidos do "mal" byroniano. Sua poesia, reflexo autobiográfico dos transe, imaginários e verídicos, que lhe agitaram a curta existência, centra-se em dois temas fundamentais: a saudade e o lirismo amoroso. Graças a tal fundo de juvenilidade e timidez, sua poesia saudosista guarda um não sei quê de infantil.*

(Massaud Moisés. A literatura brasileira através dos textos, 2004. Adaptado.)

Os substantivos do texto derivados pelo mesmo processo de formação de palavras são:

- a. juvenilidade e timidez.
- b. geração e byroniano.
- c. reflexo e imaginários.
- d. prematuramente e autobiográfico.
- e. saudade e infantil.



## 12. UFRGS 2005

### O PROBLEMA NERUDA

<sup>7</sup>Há cem anos nasceu o poeta mais popular de língua espanhola, <sup>6</sup>com uma obra cuja força lírica supera todos os seus defeitos. Sem dúvida, <sup>8</sup>há um "problema Pablo Neruda". <sup>2</sup>Foi <sup>11</sup>o outro grande poeta chileno, <sup>10</sup>seu contemporâneo Nicanor Parra (depois de passar <sup>1</sup>toda uma longa vida injustamente à sombra de <sup>13</sup>Neruda), quem <sup>12</sup>o formulou com maliciosa concisão: "Existem duas maneiras de refutar Neruda: uma é não lê-lo; a outra, lê-lo de má-fé. Tenho praticado as duas, <sup>9</sup>mas nenhuma deu resultado". A frase de Parra descreve o dilema de várias gerações de leitores. <sup>3</sup>Ninguém duvida, ou nega seriamente, que Neruda, cujo centenário de nascimento se comemora no dia 12 deste mês, seja um grande poeta - dos maiores do século 20. <sup>4</sup>Mas quase todos os <sup>16</sup>leitores mais exigentes preferem outros poetas, enquanto os mais fiéis nerudistas admiram incondicionalmente o pior de uma <sup>15</sup>vasta obra muito desigual da <sup>14</sup>sua qualidade<sup>5</sup>. Entre matronas sentimentais, Neruda parece quase naufragar sob o peso de sua popularidade. Mas sempre volta a emergir, triunfante e definitivo, de toda leitura de boa-fé.

Adaptado de: ESTENSSORO, Hugo. Bravo, v. 7, nº 82, p. 65, jul. 2004.

Se o substantivo LEITORES (ref. 16) fosse passado para o singular, quantas outras mudanças na frase "Mas quase todos os leitores mais exigentes preferem outros poetas, enquanto os mais fiéis nerudistas admiram incondicionalmente o pior de uma vasta obra muito desigual na sua qualidade" (ref. 4) seriam necessárias?

- a. Duas.
- b. Quatro.
- c. Seis.
- d. Sete.
- e. Oito.

## 13. CEFET 2007

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

QUEM É O CRIMINOSO?

"Outro dia, durante uma conversa despreocupada, um dos líderes da Central Única de Favela (Cufa), entidade surgida no Rio de Janeiro para representar os favelados do país, descrevia uma cena que presenciou durante anos a fio em sua vida: 'É o bacana da Zona Sul estacionar seu Mitsubishi no pé do morro e comprar cocaína de um garotinho de 12 anos'. Em seguida, fez uma pergunta perturbadora: 'Quem é o criminoso? O bacana da Zona Sul ou o garoto de 12 anos?'. E deu a resposta: 'Para vocês, o garoto de 12 anos tem de ser preso porque ele é um traficante de drogas. Para nós, tem de prender o bacana da Zona Sul porque ele está aliciando menores para o crime'. Não resta dúvida de que a situação retrata um dilema poderoso: de um lado, tem-se uma vítima do vício induzida ao crime de comprar drogas e, de outro, tem-se uma vítima da pobreza e da desigualdade <sup>5</sup>induzida ao crime de vendê-las. Na cegueira legal em que vivemos, a solução é simples: prendem-se vendedor e comprador.

(...)

Começa agora a surgir uma alternativa mais realista com a intenção do governo federal de implantar a chamada <sup>1</sup>política de redução de danos'. Ou seja: em vez de punir os <sup>3</sup>usuários, tratando-os como criminosos, passa-se a encará-los como doentes e atendê-los de modo a reduzir os riscos a que estão <sup>4</sup>expostos - como a overdose, aids, hepatite e outras doenças. É mais realista porque <sup>6</sup>a repressão do uso de drogas é uma política bem-intencionada, na qual se pretende a purificação pela via da punição, mas que tem se mostrado sistematicamente falha. A ideia brasileira - já em uso em outros países, e não apenas na Holanda - é um pedaço de bom senso e humildade. <sup>2</sup>Encarar um viciado como doente é um enfoque justo e generoso"

André Petry. Revista VEJA, 24 de novembro de 2004, p. 50.

No último período do 1º. parágrafo do texto, há \_\_\_ substantivos?

- a. 5
- b. 6
- c. 2
- d. 4
- e. 3

#### 14. UFRGS 2006

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

<sup>5</sup>Se escapar do <sup>8</sup>bombardeio <sup>1</sup>ao qual está sendo submetido, <sup>11</sup>um achado divulgado <sup>14</sup>anteontem por pesquisadores do Reino Unido poderá mudar a história da ocupação humana da América. Segundo eles, pegadas de pessoas descobertas no centro do México teriam 40 mil anos - <sup>6</sup>embora os registros mais antigos de presença humana no continente não ultrapassem <sup>2</sup>os 13 mil anos.

A equipe, liderada pela <sup>17</sup>gearqueóloga mexicana Silvia González, achou os rastros <sup>18</sup>na beira de um antigo lago assolado por chuvas de cinza vulcânica. Imagina-se que, <sup>15</sup>depois de um desses episódios, um grupo de pessoas (entre as quais crianças, a julgar pelas dimensões das pegadas) teria caminhado sobre a cinza, deixando sua <sup>9</sup>marca.

Usando uma série de métodos diferentes, o grupo britânico datou fósseis de animais no mesmo nível da pegada, assim como sedimentos <sup>19</sup>em volta da própria, chegando à data de por volta de 40 mil anos <sup>16</sup>antes do presente. <sup>22</sup>Hoje, o sítio arqueológico das Américas mais antigo cujas datas são aceitas pelos cientistas é Monte Verde, no extremo sul do Chile, com seus 12, 5 mil anos. <sup>21</sup>Poucos pesquisadores <sup>20</sup>põem em dúvida a ideia de que os primeiros americanos cruzaram o estreito de Bering, vindos do extremo nordeste da Ásia, para chegar ao Novo Mundo.

"Novas rotas de migração <sup>3</sup>que expliquem a existência desses sítios mais antigos precisam ser consideradas. Nossos achados reforçam a teoria <sup>4</sup>de que <sup>10</sup>esses primeiros colonos tenham vindo pela água, usando a rota da costa do Pacífico", disse González em comunicado.

"Nunca se deve dar a conhecer um achado tão importante numa entrevista coletiva", critica o antropólogo argentino Rolando González-José, do Centro Nacional Patagônico. <sup>12</sup>O pesquisador já chegou a estudar os antigos mexicanos junto com a arqueóloga, <sup>7</sup>mas teve "divergências inconciliáveis" com ela. <sup>13</sup>"Uma data de 40 mil anos não necessariamente leva a modelos alternativos do povoamento, <sup>23</sup>muito menos recorrendo a rotas transpacíficas", diz.

Adaptado de: LOPES, Reinaldo José. Folha de S. Paulo, 6 jul. 2005, p. A 16.

Considere as seguintes afirmações sobre referentes de segmentos do texto.

I - O substantivo BOMBARDEIO (ref. 8) refere-se às frequentes chuvas de cinza vulcânica que atingem o achado.

II - O substantivo MARCA (ref. 9) refere-se essencialmente a pegadas de crianças.

III - A expressão "esses primeiros colonos" (ref. 10) refere-se aos migrantes que deixaram suas pegadas no centro do México.

Quais estão corretas?

- a. Apenas I.
- b. Apenas II.
- c. Apenas III.
- d. Apenas I e II.

e. Apenas II e III.

## 15. UDESC 1996

Examine as afirmativas a seguir.

I- 'Deus, anjo, fada e alma' são substantivos concretos, pois representam entidades que subsistem por si mesmas.

II- 'Chefe, cônjuge, testemunha e vítima' são substantivos comuns de dois gêneros.

Estão CORRETAS as afirmativas:

- a. somente I
- b. somente II
- c. I e II
- d. N.D.A

## 16. FUVEST 2004

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

(Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas)

A enumeração de substantivos expressa gradação ascendente em:

- a. "menino mais gracioso, inventivo e travesso".
- b. "trazia-o amimado, asseado, enfeitado".
- c. "gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas".
- d. "papel de rei, ministro, general".
- e. "tinha garbo (...), e gravidade, certa magnificência".

GABARITO: 1) c, 2) d, 3) e, 4) c, 5) e, 6) d, 7) b, 8) b, 9) c, 10) c, 11) a, 12) b, 13) d, 14) c, 15) d, 16) e.